

JÓN KALMAN STEFÁNSSON

Paraíso e inferno

Tradução do islandês
João Reis



Copyright © 2007 by Jón Kalman Stefánsson

Publicado mediante acordo com Leonhardt & Höier Literary Agency A/S, Copenhague.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Os trechos de *Paraíso perdido*, de John Milton, foram retirados da tradução de Daniel Jonas da 1^a edição de 2015 da Editora 34.

Título original

Himnaríki og helvítí

Capa

Claudia Espínola de Carvalho

Foto de capa

Franco Fratini/ Shutterstock

Preparação

Ana Cecília Agua de Melo

Revisão

Isabel Jorge Cury

Clara Diamant

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (cip)
(Câmara Brasileira do Livro, sp, Brasil)

Stefánsson, Jón Kalman

Paraíso e inferno / Jón Kalman Stefánsson ; tradução do islandês
João Reis. — 1^a ed. — São Paulo : Companhia das Letras, 2016.

Título original : Himnaríki og helvítí
ISBN 978-85-359-2785-6

1. Ficção islandesa 1. Título.

16-06799

CDD-839.693

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura islandesa 839.693

[2016]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

www.facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/companhiadasletras

SOMOS QUASE ESCURIDÃO

As montanhas erguem-se acima da vida e da morte e dessas casas que se amontoam na ponta arenosa. Vivemos no fundo de uma taça, o dia passa, transforma-se em noite, e enche-se com a serenidade da escuridão e, depois, as estrelas iluminam-se. Elas brilham eternamente acima de nós como se tivessem uma mensagem urgente, mas que mensagem e de quem? O que querem de nós ou, talvez, o mais importante: o que queremos delas?

Pouco de nós se assemelha à luz. Estamos muito mais próximos da escuridão, somos quase escuridão, tudo o que temos são recordações, e a esperança que, seja como for, se desvaneceu, continua a se desvanecer e em breve se assemelha a uma estrela extinta, um rochedo escuro. No entanto, sabemos um pouco sobre a vida e um pouco sobre a morte, e conseguimos falar disso: fazemos todo este percurso para te tocar, e para concretizar o destino.

Pretendemos falar daqueles que viveram no nosso tempo, há mais de cem anos, e que são pouco mais do que nomes em cruzes inclinadas e lápides rachadas. Vidas e recordações que foram apagadas segundo as implacáveis demandas do tempo. Pretendemos

mudar isso. Nossas palavras são um tipo de equipe de salvamento numa missão ininterrupta para salvar acontecimentos passados e vidas acabadas do buraco negro do esquecimento, e isso não é tarefa fácil; ao longo do caminho podem encontrar algumas respostas e depois nos tirar daqui antes que seja tarde demais. Deixe que isso baste por agora, nós te enviaremos as palavras, essas confusas e esparsas equipes de salvamento imprecisas do seu trabalho, com bússolas quebradas, mapas rasgados ou desatualizados, mas que, ainda assim, você deverá acolher de bom grado. Então, veremos o que acontece.

O MENINO, O MAR
E A PERDA DO PARAÍSO

Isso aconteceu nos anos em que seguramente ainda estávamos vivos. O mês de março e o mundo branco com neve, embora não de um branco puro, aqui nunca há um branco puro, independentemente de quanta neve caia, mesmo que o céu e o mar congelem e o frio penetre até o coração onde habitam os sonhos, a cor branca nunca vence. Os cinturões rochosos das montanhas cortam a neve assim que ela cai e, pretos como carvão, salientam-se num mundo branco. Salientam-se de preto sobre o menino e sobre Bárður enquanto eles se afastam da aldeia, a nossa origem e o nosso fim, o centro do mundo. O centro do mundo é ridículo e orgulhoso. Eles caminham de maneira fácil, pernas jovens, um fogo que arde, mas correm também contra a escuridão, que é, talvez, adequada, uma vez que a vida humana é uma corrida constante contra a escuridão do mundo, a traição, a crueldade, a covardia, uma corrida que tantas vezes parece desesperada, mas, ainda assim, corremos, e, ao fazê-lo, a esperança sobrevive. Bárður e o menino, contudo, pretendem apenas conter a escuridão ou o crepúsculo, vencê-la até as caba-

nas, as cabanas de pesca, caminhar por vezes lado a lado, o que é, de longe, o melhor, porque rastros paralelos um ao outro são sinal de solidariedade, e então a vida não é assim tão solitária. Porém, o caminho não é, muitas vezes, mais do que uma trilha única que serpenteia na neve como uma cobra gelada, e então o menino precisa olhar para a parte de trás do sapato de Bárður, para a bolsa de pele que leva nas costas, para o cabelo preto emaranhado e para a cabeça que está presa sobre os ombros largos. Às vezes, atravessam praias cheias de cascalho, percorrem trilhas arriscadas em despenhadeiros, é pior na Intransponível, uma corda presa às rochas, uma encosta íngreme por cima, um precipício rochoso e íngreme por baixo, e o mar verde e agitado, uma queda de trinta metros, a encosta ergue-se quase até seiscentos metros no ar e o pico está tapado por nuvens. O mar de um dos lados, montanhas íngremes e altas do outro, é aí que se passa toda a nossa história. As autoridades, os comerciantes, podem governar nossos dias de pobreza, mas as montanhas e o mar governam a vida, são o nosso destino, ou é assim que pensamos de vez em quando, e é assim que provavelmente você se sentiria se tivesse acordado e dormido durante décadas sob as mesmas montanhas, se o seu peito tivesse se erguido e caído como a respiração do mar nos nossos barquinhos. Dificilmente há algo tão bonito quanto o mar em dias bons, ou em noites límpidas, quando sonha e o brilho da lua é o seu sonho. Mas o mar não é nada bonito, e nós o odiamos mais que qualquer outra coisa quando as ondas se erguem dezenas de metros acima do barco, quando o mar rebenta sobre ele e, independentemente do quanto acenemos, invoquemos Deus e Jesus, nos afoga como cachorrinhos desgraçados. Então, todos são iguais. Sacanas desgraçados e homens bons, gigantes e vagarosos, os felizes e os tristes. Há gritos, alguns gestos frenéticos, e depois é como se nunca tivéssemos estado aqui, o cadáver afunda, o sangue no seu interior esfria, as

recordações desaparecem, os peixes se aproximam e mordiscam os lábios que foram beijados ontem e disseram as palavras que significavam tudo, mordiscam os ombros que transportaram o filho mais novo, e os olhos já não veem, estão no fundo do oceano. O oceano é azul-escuro e nunca está parado, uma criatura gigantesca que respira, que quase sempre nos tolera, mas que, por vezes, não, e então nos afogamos; a história da humanidade não é tão complicada.

Tenho a certeza de que remaremos esta noite, disse Bárður.

Acabaram de passar pela Intransponível, a corda não rebentou, a montanha não os matou ao atingi-los com pedras. Os dois olham para o mar e para o céu, de onde vem a escuridão, o céu azul já não completamente azul, um sinal de noite no ar, a praia em frente se torna difícil de enxergar, como se tivesse recuado, afundava ao longe, aquela praia é quase perfeitamente branca des-de a orla do mar até as dunas, refletindo o seu nome invernoso.

Já estava mais do que na hora, responde o menino, um pouco cansado depois da escalada. Duas horas desde que partiram. Terminaram o seu café e bolo na padaria alemã, fizeram três paradas e depois saíram da aldeia, uma caminhada de duas horas pela neve profunda. Os pés deles estão molhados, claro que estão molhados, estávamos sempre molhados nessa época, a morte irá secá-los, diziam os antigos quando alguém reclamava; às vezes, os antigos não sabem de nada. O menino ajeita a sua bolsa, pensada com aquilo que é imprescindível para nós, Bárður não ajeita nada, limita-se a observar, assobia um trecho de uma canção meio esquecida, parece não estar nada cansado, droga, diz o menino, estou arfando como um cão velho, mas você parece não ter dado um único passo hoje. Bárður olha para ele com aqueles olhos castanhos e meridionais e sorri. Alguns de nós têm olhos castanhos, chegam aqui pescadores de lugares longínquos e fazem isso há centenas de anos porque o mar é um baú do tesouro.

Vêm da França, da Espanha, muitos deles com olhos castanhos, e alguns deixam a cor dos olhos com uma mulher, navegam de volta, regressam para casa ou se afogam.

Sim, já estava na hora, concorda Bárður. Já se passou meio mês desde a sua última pescaria. Primeiro, surgiu uma tempestade de sudeste, choveu, o solo ficou manchado e escuro onde surgia por entre a neve, depois o vento mudou e veio do norte, fustigando com a sua chibata de tempestade de neve durante dias a fio. Tempestade, chuva e neve durante catorze dias, nem um só barco no mar e enquanto isso os peixes a salvo de humanos, bem fundo nas profundezas sossegadas do mar, aonde as tempestades não chegam; os homens que são vistos aí são afogados. É possível que se digam muitas coisas sobre os afogados, mas pelo menos não pegam peixe, na verdade, não pegam nada além do brilho da lua na superfície. Duas semanas e às vezes não se podia passar de uma cabana a outra por causa do clima, a tempestade ululante varria toda a paisagem, o céu, o horizonte, até o próprio tempo, tendo há muito deixado de acertar o que precisava ser acertado, amarrar os anzóis do bacalhau, desemaranhar a linha; desemaranhou todas as amarras exceto as relativas ao coração e ao ímpeto sexual. Um homem ou dois vagueavam pelas praias, procurando mexilhões para isca, alguns usavam o tempo para fazer coisas, remendavam os uniformes impermeáveis, mas os dias condicionados à terra podem ser longos, podem se estender até o infinito. É mais fácil suportar a espera com jogos de cartas, jogar e jogar e nunca se levantar, a não ser para suprimir necessidades corporais, cambalear na tempestade lá fora e aliviar-se entre rochedos na praia, alguns, contudo, tão preguiçosos, ou talvez não tão bonitos por dentro, não se dão ao trabalho de descer à praia e, em vez disso, cagam mesmo à beira das cabanas, depois dizem ao contínuo ao voltarem a entrar: algo para você, amigo! O menino é o auxiliar da cabana e, portanto, tem de limpar tudo, é o mais novo,

o mais fraco, não conseguiria derrotar ninguém numa luta, e foi atribuído a ele o cargo de auxiliar, é assim que é a vida muitas vezes, aqueles que não são suficientemente fortes têm de limpar a merda dos outros. Duas longas semanas e, quando o tempo finalmente melhorou, quase parecia que o mundo tinha voltado ao ponto de partida, olha, ali está o céu, então é verdade, existe, e o horizonte é uma verdade! Ontem, a fúria da tempestade abrandou tanto que conseguiram tirar as pedras do cais, desceram até lá abaixo, no total doze das duas cabanas, duas tripulações, esforçaram-se ao deslocarem enormes pedras atiradas pelo mar para o cais, simples cascalhos por baixo dos quais perderam o equilíbrio, se arranharam e que os fizeram sangrar, seis horas de trabalho na escorregadia orla marítima. Nesta manhã, o vento soprou do oeste, bastante fraco, mas quando sopra do oeste as ondas tornam muitas vezes as viagens impossíveis, é uma vergonha do caramba, quase aviltante, ver esse obstáculo espumoso e o mar por trás dele mais ou menos calmo o suficiente para navegar. A disposição de uma pessoa é, contudo, melhorada ao saber que o bacalhau se esconde quando o vento está vindo do oeste, simplesmente desaparece, e, além disso, oferece uma excelente oportunidade de viajar até a cidade. Os homens abandonaram as cabanas principais em grupos, as praias se encheram, bem como as encostas das montanhas, com pescadores.

Bárður e o menino vislumbram, por vezes, o grupo à sua frente e alteram o passo de modo que se afastem mais ao invés de se aproximarem, viajam os dois a sós, é melhor assim, muita coisa precisa ser dita reservadamente apenas para os dois, sobre poesia, sobre sonhos e as coisas que fazem com que tenhamos noites insônes.

Acabaram de passar pela Intransponível. Daí têm aproximadamente meia hora de caminhada para voltar à cabana, a maior parte ao longo da praia rochosa onde o mar bate neles. Estão bem

alto na encosta, adiam a descida, olham para mais de dez quilômetros de mar azul e frio que vira e revira na ponta do fiorde e na praia branca em frente como se estivesse impaciente. A neve nunca a abandona, nenhum verão consegue derreter completamente a neve, e, ainda assim, as pessoas vivem onde quer que haja um mínimo vestígio de uma baía. Em todos os locais onde o mar é razoavelmente acessível existe uma chácara, e, no auge do verão, o pequeno campo que a rodeia fica verde, áreas de solo com tufo de relva de um verde pálido estendem-se pela encosta da montanha acima e dentes-de-leão amarelos florescem na relva, mas, ainda mais longe, para nordeste, veem-se mais montanhas a se erguer no céu cinzento de inverno: são as regiões costeiras e montanhosas de Strandir, onde o mundo acaba. Bárður repousa a bolsa, tira uma garrafa de aguardente, ambos tomam um gole. Bárður suspira, olha para a esquerda, olha para o oceano, profundo e escuro, não pensa absolutamente no fim do mundo e no frio eterno, mas, em vez disso, no cabelo longo e escuro, como o que pendia contra o rosto dela no início de janeiro, e como a mão mais valiosa do mundo o afastou para o lado, o seu nome é Sigríður, e Bárður treme um pouco por dentro quando diz para si mesmo o nome dela. O menino acompanha o olhar do seu amigo e também suspira. Quer fazer algo na vida, aprender línguas, ver o mundo, ler mil livros, quer descobrir o âmago, o que quer que seja isso, quer descobrir se existe ou não um âmago, mas muitas vezes é difícil pensar e ler quando se está dolorido e cansado depois de uma pescaria difícil, molhado e congelado depois de trabalhar doze horas nos prados, quando os seus pensamentos podem ser tão pesados que mal consegue levantá-los, e aí o percurso é muito longo até o âmago.

O vento sopra do oeste e o céu escurece lentamente acima de suas cabeças.

Droga, arrota o menino, porque está ali sozinho com os seus

pensamentos, Bárður começou a descer a encosta, o vento sopra, o mar ondula e Bárður pensa em cabelo escuro, em risos quentes, grandes olhos mais azuis do que o céu numa límpida noite de junho. Desceram até a praia. Sobem em grandes rochedos, a tarde continua escurecendo e pressionando-os, continuam indo e apressam os minutos finais e chegam às cabanas antes mesmo do crepúsculo.

Esses dois pares de cabanas com sótão recentemente construídas situam-se logo acima do cais, barcos de seis tripulantes virados na praia e açoitados. Um grande e escarpado despenhadeiro estende-se até o mar logo a seguir às cabanas, tornando aí os desembarques mais fáceis, mas ensombrando as cabanas de pesca principais, que ficam a meia hora de caminhada, trinta a quarenta cabanas e mais de metade delas praticamente nova como as suas, com sótãos onde se pode dormir, mas algumas delas mais antigas e com um só piso, as tripulações dormem e colocam isca nas linhas e comem no mesmo espaço. Trinta a quarenta prédios, talvez cinquenta, não nos recordamos ao certo, tanto se esqueceu, está confuso: também aprendemos aos poucos a confiar nos sentimentos e não na memória.

Droga, nada senão anúncios, murmura Bárður. Entraram na cabana, subiram ao sótão, sentaram-se na cama, são quatro camas para os seis homens e a vigilante, a mulher que cuida da cozinha, do fogão à lenha, da limpeza. Bárður e o menino dormem com a cabeça nos pés um do outro, durmo com os seus dedos dos pés, diz o menino muitas vezes, tudo o que você tem de fazer é virar a cabeça, e as meias de lã do seu amigo estão no seu rosto. Bárður tem pés grandes, ele levantou os pés debaixo do menino e murmurou, nada senão anúncios, referindo-se ao jornal publicado na aldeia, que sai semanalmente, e tem quatro

páginas, a última página muitas vezes cheia de anúncios. Bárður põe de lado o jornal e eles acabam de tirar das bolsas tudo aquilo que torna a vida digna de viver se excluirmos, no seu caso, lábios vermelhos, sonhos e cabelo suave. Não é possível colocar lábios vermelhos e sonhos numa bolsa e transportá-los para uma cabana de pesca, nem sequer se pode comprar coisas dessas, ainda assim há cinco lojas na aldeia e a escolha é estonteante quando se está no auge do verão. Talvez nunca seja possível comprar o que mais importa, não, claro que não, e felizmente não é esse o caso ou, melhor dizendo, graças a Deus. Terminaram de esvaziar as bolsas, e os conteúdos estavam espalhados pela cama. Três jornais, dois deles publicados em Reykjavík, café, doces, pão de centeio, doces da padaria alemã, dois livros da biblioteca do velho capitão marítimo cego — *Niels Juel: O maior herói naval da Dinamarca*, e a tradução do *Paraíso perdido* de Milton por Jón Þorlaksson —, e ainda dois livros que tinham comprado juntos na farmácia do doutor Sigurður: *Diário de viagens* de Eiríkur de Brúnum e a gramática de língua inglesa de Jón Ólafsson. Sigurður tem uma farmácia e uma livraria na mesma casa, os livros cheiram tanto a remédio que somos curados e libertos de doenças ao apenas inspirarmos um pouco deles, digam-me se não é saudável ler livros. Para que você quer isto, pergunta Andrea, a vigilante, que pega a gramática e começa a folheá-la. Para que possamos dizer eu te amo e eu te desejo em inglês, responde Bárður. Isso faz sentido, ela diz e senta com o livro. O menino trouxe três garrafas que ainda não chegaram de um elixir curativo chinês, uma para ele, outra para Andrea, a terceira para Árni; assim como Einar e Gvendur, eles tinham planejado passar o dia visitando várias cabanas, vagueando, como se costuma dizer. Por outro lado, Pétur, o capitão, passou todo o dia na cabana, limpando os seus impermeáveis e esfregando-os com fígado de raia fresco, remendando os seus sapatos, foi uma vez à casa da salga com Andrea, estica-

ram uma tela sobre a pilha sempre crescente de peixe salgado, aumentou tanto de altura que Pétur não precisa se curvar enquanto o fazem. Estão casados há vinte anos e agora os seus impermeáveis estão pendurados lá embaixo, pendurados no meio do equipamento de pesca, sai deles agora um odor intenso, mas ficarão suaves e maleáveis quando partirem esta noite. Um homem asseado, aquele Pétur, como o seu irmão, Guðmundur, capitão do outro barco, cerca de dez metros entre as suas cabanas, mas os irmãos não falam um com o outro, não se dirigem a palavra há uma boa década, ninguém parece saber por quê.

Andrea deixa o livro e começa a esquentar o café no fogão. Não havia café naquela manhã, o que é verdadeiramente um mau presságio, e em pouco tempo o aroma do café se espalha pelo sótão, desce e sobrepõe-se aos odores do equipamento de pesca e aos impermeáveis por lavar. O alçapão se abre e Pétur sobe com o seu cabelo negro, a sua barba negra e os seus olhos ligeiramente oblíquos, o seu rosto como couro bronzeado, vem como o diabo de lá debaixo no Inferno até aqui em cima, o Paraíso do café, com uma expressão quase alegre, não é pouco aquilo que o café consegue. Pétur sorriu pela primeira vez quando tinha oito anos, disse uma vez Bárður, e pela segunda vez quando viu pela primeira vez Andrea; aguardamos a terceira vez, concluiu o menino. O alçapão voltou a se erguer, o maldito raramente está sozinho, murmurou o menino, e o espaço pareceu diminuir depois de Gvendur subir tudo, tão largo de ombros que nenhuma mulher conseguia abraçá-lo direito. Einar segue-o, metade do seu tamanho, magro mas surpreendentemente forte, é incompreensível de onde retira esse corpo magro a sua força, talvez de um espírito selvagem, porque os seus olhos negros soltam faíscas até enquanto dorme. Então vocês estão aqui, diz Andrea, e enche as canecas com café. Sim, senhora, diz Pétur, e passaram o dia todo dizendo tolices. Não precisam de um dia

inteiro para fazer isso, diz o menino, e as canecas nas mãos de Andrea tremem um pouco quando ela contém uma gargalhada. Einar cerra os punhos e abana-os na direção do menino, sibila algo tão pouco claro que só metade pode ser compreendida, faltam-lhe vários dentes, a sua barba negra é bizarra, cresce até o meio da sua boca, o seu cabelo desgrenhado e fino quase grisalho, mas então eles bebem o café. Cada um senta na sua cama e o céu lá fora escurece. Andrea acende a lâmpada, as janelas em ambas as pontas da divisão, uma emoldura uma montanha, a outra o céu e o mar emolduram a nossa existência, e durante muito tempo não se ouve nada além do ondular do mar e do alegre sorver do café. Gvendur e Einar se sentam juntos e dividem um dos jornais, Andrea examina a gramática inglesa, tentando alargar a sua vida com uma nova língua, Pétur limita-se a olhar para o vazio, o menino e Bárður têm cada um o próprio jornal, agora só falta Árni. Fora para casa anteontem depois de terem terminado de limpar o cais, saindo entre o aguaceiro do norte, entre gelo e neve, não conseguia ver nada, mas ainda assim foi capaz de encontrar o caminho, uma caminhada de seis horas até a casa, ele é tão novo que a mulher o detém, dissera Andrea, sim, segue o seu maldito pinto, disse Einar, parecendo subitamente furioso. Sei que você não consegue acreditar nisso, nem sequer imaginar, disse então ela, falando para Einar e, contudo, olhando de soslaio para o marido, mas há homens que são um pouco mais do que apenas músculos e anseiam por peixe e virilhas femininas.

Andrea talvez soubesse da carta que Árni transportava. O menino escrevera-a por ele, e não fora a primeira vez que Árni lhe pedira para escrever uma carta para Sesselja, a sua mulher, ela lê quando estamos os dois deitados na cama e todos os outros estão dormindo, disse uma vez Árni, e relê várias vezes quando estou longe. “Tenho saudade de você”, escreveu o menino, “te-

nho saudade de você quando acordo, quando pego nas varas, tenho saudade de você quando coloco isca nas linhas, quando escamo o peixe, tenho saudade de ouvir as crianças rirem, perguntando algo a que não sei responder mas que você certamente consegue, tenho saudade dos seus lábios, tenho saudade dos seus seios e tenho saudade da sua virilha” — não, não escreva isso, disse Árni ao olhar por cima do ombro do menino. Não posso escrever “saudade da sua virilha”? Árni abanou a cabeça. Mas só tento escrever aquilo que você pensa, como sempre, e com certeza você tem saudade da virilha dela, não? Você não tem nada a ver com isso e, além do mais, nunca eu diria dessa forma, da sua virilha. Então como você diria? Como eu diria... diria... não, você não tem nada a ver com isso, caramba! E o menino teve de cortar as palavras da sua virilha e escrever do seu cheiro. Mas talvez, ele pensou, Sesselja tente ver quais palavras foram riscadas, ela sabe que escrevo as cartas pelo Árni, ela olha para a palavra e quando finalmente consegue ler, e lê, pensa em mim. O menino está sentado na cama, dá uma olhadinha ao jornal e tenta afastar aquela imagem: Sesselja lê aquelas palavras quentes, macias, úmidas e proibidas. Ela olha e lê as palavras, sussurra-as para si mesma, uma corrente amena percorre-a e pensa em mim. Ele engole, tenta se concentrar no jornal, lê histórias sobre os membros do Parlamento, sobre Gíslí, o professor da nossa aldeia que não se sentira suficientemente bem para aparecer na escola durante três dias por causa da bebida, grande pressão sobre o homem, ter de ensinar além da bebida, e Émile Zola publicara um romance, cem mil exemplares vendidos nas primeiras três semanas. O menino olha rapidamente para cima e tenta imaginar cem mil pessoas lendo o mesmo livro, mas dificilmente se consegue imaginar tanta gente, sobretudo quando ninguém mora aqui, na ponta norte do mundo. Ele olha pensativamente mas desvia rápido o olhar para o jornal embaixo, quando percebe que

começou a pensar em Sesselja lendo essas palavras, pensando nele, abre outra página do jornal e lê: seis homens afogados na baía de Faxaflói. Iam de Akranes a Reykjavík num barquinho de seis tripulantes.

A baía de Faxaflói é larga.

Quão larga?

Tão larga que a vida não consegue atravessá-la.

Então, é noite.

Comem peixe cozido com fígado.

Einar e Gvendur contam as notícias das cabanas de pesca, os trinta a quarenta prédios reunidos em pequenos grupos na margem com cascalhos acima da praia larga. É Einar quem fala, Gvendur grunhe de vez em quando e ri quando acha apropriado. Quarenta cabanas, quatrocentos a quinhentos pescadores, um pedaço de humanidade. Lutamos, diz Einar, prendemos nossos dedos e puxamos, diz Einar, pode crer, diz Einar, e ele está doente, raio de problema intestinal, dificilmente sobreviverá ao inverno, aquele é um monte de merda, o outro vai para a América na primavera. A barba de Einar é quase tão preta quanto a de Pétur e vai até o peito, mal precisa de um cachecol, ele fala e conta coisas, Andrea e Pétur escutam. Bárður e o menino estão deitados com os pés na cabeça um do outro na cama, leem, fêcham os ouvidos, olham para cima rapidamente quando um navio entra no fiorde e se dirige para a aldeia, sem dúvida um baleeiro a vapor norueguês, se aproxima com estrepitoso ruído, como se se queixasse da sua sorte. E os malditos comerciantes aumentaram o preço do sal, diz Einar, lembra-se subitamente das notícias mais importantes e deixa de falar sobre Jónas, que compôs noventa e dois versos sobre uma das vigilantes, alguns deles bastante lascivos mas tão bem-feitos que Einar não consegue

deixar de recitá-los duas vezes, Pétur ri, mas Andrea não, os homens parecem em geral mais propensos para as coisas mais grosseiras deste mundo, tudo aquilo que se revela rapidamente, completamente, enquanto as mulheres desejam tudo aquilo que precisa ser perseguido, tudo aquilo que se mostra devagar. Aumentaram o preço do sal?!, exclama Pétur. Sim, aqueles sacanas! Einar grita e o seu rosto escurece com a fúria. Daqui a pouco será melhor vender o peixe úmido, diretamente vindo do mar, mal seja pescado, diz pensativo Pétur. Sim, diz Andrea, porque querem assim, e é por isso que aumentam o preço. Pétur olha para o vazio e sente a melancolia tomar conta da sua mente e da sua consciência sem perceber completamente o motivo. Se deixarem de salgar o peixe, acabará a pilha na casa da salga, então para onde haveremos de ir Andrea e eu, pensa ele, por que tudo precisa mudar, não é justo. Andrea pôs-se em pé, começa a arrumar as coisas depois do café, o menino olha para cima por um momento, erguendo o olhar do diário de viagens de Eiríkur, entreolham-se, como acontece muitas vezes, Bárður está imerso no *Paraíso perdido* de Milton, que Jón Þorlaksson traduziu muito antes do nosso tempo. O fogão esquenta o sótão, está confortável aqui, a noite embaça as janelas, o vento afaga o telhado, Gvendur e Einar mascam tabaco, balançam-se nos seus lugares, murmuram alternadamente, a lâmpada de querosene dá uma boa luz e torna a noite lá fora ainda mais escura, quanto mais luz, maior a escuridão, é assim o mundo. Pétur se levanta, limpa a garganta e cospe, cospe para fora a sua melancolia e diz, pomos a isca nas linhas quando Árni chegar, depois ele desce para fazer os ferrolhos e as albardas e as fivelas, furioso porque os homens não estão trabalhando. Caramba, ver homens adultos e ferramentas espalhadas, lendo livros inúteis, que desperdício de luz e de tempo, diz ele, só a sua cabeça levanta do chão. O menino ergue o olhar de Eiríkur para a cabeça negra que se ergue do chão

como um mensageiro do Inferno. Einar acena com a cabeça, lança a Bárður e ao menino um olhar aguçado, se levanta, cospe vermelho, desce atrás do seu capitão, que diz a Einar, mas suficientemente alto para que seja ouvido lá de cima, tudo se corrompe, e de certo modo tem razão, porque todos nós nascemos para morrer. Mas agora esperam por Árni, ele deve estar a caminho, Árni nunca falha.

Preciso ir embora, diz Árni a Sesselja.

Não deixe que o mar te engula, ela suplica. Ele ri, calça as botas e diz, você está maluca, mulher, não me afogarei enquanto usar botas americanas!

Muitas coisas surpreendentes acontecem.

Hoje em dia, Árni escala com roupa seca prados e brejos úmidos, pântanos e rios, sem molhar as meias; isso mais parece magia. Árni comprou botas americanas há pouco mais de um ano, viajou especialmente ao fiorde mais próximo para isso, remou num barquinho e comprou as botas, bem como barras de chocolate para os meninos e para Sesselja, o mais novo começou a chorar quando acabou o seu chocolate e ficou absolutamente inconsolável. O que é por inteiro doce nos deixa muitas vezes tristes no fim. Os pescadores americanos de halibute vêm para cá em março ou abril, pescam halibute ao longo da Groenlândia mas equipam os seus navios aqui, compram as provisões e o sal de nós e pagam em dinheiro, nos vendem espingardas, facas, biscoitos, mas nada chega aos pés das botas de borracha. As botas de borracha americanas são mais caras que um acordeão, o seu preço é quase o de um salário anual de uma trabalhadora agrícola, são tão caras que Árni precisou de meses a fio de abstinência de aguardente e tabaco para poupar o suficiente para poder comprá-las. Mas valem a pena, diz Árni e salta entre pântanos, atravessa riachos, mas sempre com os pés secos, segue em frente, na umidade e na neve com os pés completamente secos, e as botas

de borracha são certamente a melhor coisa que veio do império americano, deixam qualquer outra coisa de lado, e agora percebe-se por que seria imperdoável afogar-se com elas. Um descuido imperdoável, diz Árni, e beija Sesselja e os filhos, e eles o beijam, é mil vezes melhor beijar e ser beijado que pescar em barcos abertos no alto-mar. Sua mulher assiste à sua partida, cuidado para não se afogar, sussurra ela, não quer que as crianças ouçam, não quer assustá-las; também não aumentamos a voz quando rezamos por aquilo que mais importa. Entra, lê novamente a carta e atreve-se agora a olhar melhor para as palavras que foram riscadas, apenas algo com que o menino não ficara satisfeito, disse Árni, olha para elas durante muito tempo e consegue então lê-las. Aqui está você, diz Pétur, porque Árni chegou com as meias secas, podem colocar a isca nas linhas, provavelmente irão remar para pescar nessa noite.